

# Noticias do Algarve

Biblioteca Nacional

LISBOA

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 251 — Domingo, 30 de Março de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex.ª deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

## AS REGIÕES DE TURISMO E O SEU PROGRESSO

DEPOIS de estudadas as características e possibilidades das áreas turísticas do País, e dentro do espírito da legislação em vigor, vão sendo criadas novas regiões de turismo.

Pretende-se com elas não só marcar um turismo de qualidade, em função de paisagens, usos ou condições especiais, mas também reunir possibilidades financeiras adequadas ao progresso de cada uma dessas regiões.

Há muito que se tinha verificado a injustificada existência de pequenas zonas de turismo, cada uma delas administrada por uma comissão ou por uma junta, algumas vezes coexistindo um só concelho e pretendendo fazer sempre obra isolada ou descoordinada, embora assente num louvável bairrismo.

Dessa dispersão resulta uma falta de visão conjunta dos problemas nacionais do turismo apesar das campanhas e dos esforços do Secretariado Nacional da Informação no sentido de imprimir directrizes gerais tanto em matéria hoteleira como de fomento, de publicações, etc.

Dessa dispersão e falta de orientação resultaram negativos alguns esforços feitos,

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

### VISITA O ALGARVE O ORFEÃO ACADÉMICO DE COIMBRA

Na primeira quinzena do próximo mês de Abril, visitará o Algarve, o Orfeão Académico de Coimbra, que dará alguns espectáculos em Tavira e no Cinema Santo António, em Faro.

Segundo nos informam, pensa-se trazer a Vila Real de Sto. António estes ilustres visitantes.

## ALGARVE EM FLOR AÇOTEIAS E MONTANHEIRAS

MANHÃ cedo, com o sol chispando de soslaio as brancuras de Olhão, pus-me a pé e despedi-me da Pensão Helena, que providencialmente tivera um quarto devoluto para nós.

A vila assenta em terreno plano, de forma que é necessário subir à torre da igreja matriz, de Nossa Senhora do Rosário, para observar de alto e obter o seu mais típico aspecto.

PELO

DR. CABRAL ADÃO

Escada de caracol acima, ganha-se a torre dos sinos e o próprio dorso do telhado da nave, em cuja testa encaixaram um farolim de enfiamento. Olha-se em redor, varrendo o burgo extenso, prolongado na periferia da oval urbana por lugares e casais desagregados, que se continuam com salpicos similares de terras próximas, num entrelaçado característico da província. Telhados, a cobrir o casario de Olhão, poucos. Predominam os terraços, a que chamam açoteias (do árabe aç-gotaiha).

Dizem-me que Olhão tem o ar



duma vila marroquina, o que não custa a acreditar, visto provirem duma inspiração comum, que a tradição manteve, aqui, na traça das construções e em outros hábitos de vida.

A açoteia (ou soteia) é um remate de águas, plano, em lajes ou tijolos, guarnecido por um muro pouco alto, tudo muito branco,

de cal renovada constantemente. Tem por fim tornar as casas frescas, no Verão, sabido como os sótãos de telha as tornam quentes, nessa faixa de clima rigoroso durante os meses de sol cáustico. Além disso, funcionam de eirado, onde os moradores estendem o figo, a secar, a amendoa, as grapeiras, etc.

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

## AINDA A PROPÓSITO DE CRISE... NA INDÚSTRIA CONSERVEIRA

### RESPOSTA A UMA CARTA

NUNCA poderia ter pensado que os meus pobres escritos merecessem a vossa preciosa atenção e o que é mais, a vossa crítica austera mas benevolente. Sinto-me ainda feliz pela vossa nobreza d'alma quando paternalmente me aconselha a desistir, a não mais escrever sobre assuntos que transcendem e estão fóra do alcance da minha minguada preparação intelectual; assuntos aonde pontificam os clarividentes valores de ideias e resoluções concretas adaptadas às realidades do momento.

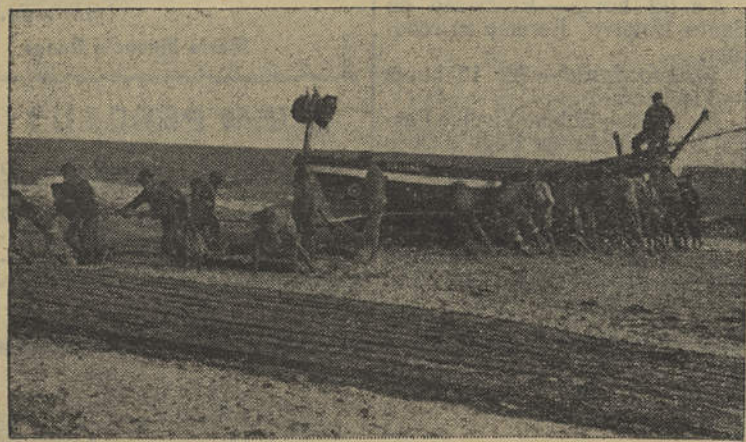
Compreendo, respeitável Sr., compreendo e agradeço o conselho, mas apenas quiz aproveitar a hospitalidade, talvez imerecida, do «Notícias do Algarve», esse pequeno grande semanário que tão dignamente representa os anseios da minha terra, da sua indústria e da minha Província, para dar a conhecer o que pode pensar o homem vulgar, o homem da rua, o operário, quando presente a catástrofe no ambiente duma indústria tão querida onde

vive, e a qual deu meia centena de anos do seu esforço para ajudar ao seu fortalecimento. E' ainda abusando do acolhimento do jornal que me atrevo a esclarecer os pontos que se

lhe tornaram confusos, não pelo o vosso poder de discernimento e larga visão, mas certamente pela insuficiência e atrofiamento da

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

José da Cruz Azevedo



apresenta

UMA CRÓNICA  
por semana

DIÁRIO ILUSTRADO — O general Monteiro Libório — A questão portuária das Ilhas dos Açores — A Volta a Portugal em Bicicleta — A casa Assombrada de São Miguel de Seide — A Primeira sessão de Cinema.

PRIMEIRA página de um diário português de grande tiragem, assuntos banais ao lado de outros de interesse. De um lado desenterra-se o passado através de uma narrativa onde a poética de uma literatura

desactualizada abunda, de outro trata-se de uma questão vital para os Açores.

A história de uma arte — da mais bela e humana das artes — ganha presença através de uma efeméride.

A vida, a morte, a presença, a saudade, a moda e a iniciativa são o fulcro desta página. Em lugar de destaque está a iniciativa, não uma iniciativa que possa trazer qualquer viabilidade de progresso para o país — apenas uma iniciativa

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

### PESCA À LINHA

## A INDÚSTRIA DO ISCO VIVO NOS ESTADOS UNIDOS

Desde há alguns anos para cá, estabeleceu-se e consolidou-se nos Estados Unidos uma nova indústria: a da cultura, criação e distribuição de vermes «domesticados», para serem empregados como isco para a pesca.

E' difícil calcular com exactidão qual o consumo que os pescadores à linha fazem do isco domesticado, sabendo-se, no entanto, que o valor das transacções comerciais deste ramo de negócio anda, anualmente, por cerca de um milhão de dólares.

Apesar dos apaixonados do isco artificial não o quererem reconhecer, a verdade é que a maioria dos pescadores à linha usam sempre isco natural, sendo a minhoca aquele de que se faz maior consumo. Fica-se surpreendido ao saber que a variedade de iscos se estende desde as rãs em salmoura aos pequenos lagartos vivos e moscas secas e destas aos pirilampus e aos grilos, e que o capital envolvido nesta indústria anda á volta de trinta milhões de dólares!

Esta nova indústria tem-se desenvolvido tanto nos últimos vinte anos, que é difícil encontrar hoje cidade ou vila em qualquer

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

### A FAUNA HUMANA

## HOMENS DE BEM

A LIGA Portuguesa de Profilaxia Social, com sede no Porto, é uma instituição molecularmente humanitária, sem intuídos políticos e religiosos, sem bairrismo e individualismo egoístas.

A sua benemérita acção é profundamente portuguesa, combate

os vícios, os defeitos de educação e outros erros que encham de dor os homens de visão serena.

Os ricos e outros bem instalados em lugares públicos, podiam auxiliar esta Liga Portuguesa que tenta, há longos anos, encaminhar o nosso povo para um melhor ambiente moral e social.

Os jornais do Algarve, sem distinção de bandeiras ou de credos, dão frequentemente publicidade aos conselhos da Liga Portuguesa, chamando a atenção de todos para estas palavras intuitivas, profundamente de um limpez cristalina — Directos e Deveres.

Tenho aqui presente sobre a minha secretária alguns desses jornais, transcrevendo do mais pequeno — «Comércio de Portl»

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

### MARCOS ALGARVE

QUADRA  
ADEUS...  
NO ADEUS NÃO,  
DE SONHOS MEUS,  
A ILUSÃO...

D. R.

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

MARIA LEONILDE

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa encontra-se nesta vila o sr. Juiz-Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, nosso ilustre conterrâneo, residente em Lisboa.

Para S. João da Madeira, seguiu em gozo de férias o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. José da Silva Rodrigues Moraes, chefe da Secretaria da Câmara Municipal desta vila.

A passar as férias da Páscoa, encontram-se nesta vila os estudantes srs. José Eduardo Capa Horta Correia, José Eduardo Cavaco, Desidério Rosa, Vitor Teixeira Marques e Mário Lança.

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se desta vila o nosso prezado amigo e assinante em Casablanca (Marrocos) sr. José Batista Salas.

A passar as férias, encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. José Pedro Delgado, residente em Lagos.

Acompanhada de sua mãe regressou de Lisboa, onde foi consultar a medicina a sr.<sup>a</sup> D. Rita Gregório.



### Nascimento

Num quarto particular da Santa Casa da Misericórdia desta vila, teve o seu bom sucesso no passado dia 2 de Março a sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Peres Fernandes, esposa do nosso prezado amigo sr. Narciso Clemente Fernandes, ausente na Venezuela.

### CINE-FOZ

Hoje, o grande êxito do festival de Berlim SERENATA NO MÉXICO, com Rosita Quintana e Luiz Aguilar. Um maravilhoso filme mexicano.

Terça-Feira, Em Cinemascope HOMENS SEM MEDO, com Robert Ryan e Virginia Mayo.

O MAIOR NOME EM DIESEL


CABINE AVANÇADA PARA CARGAS LEVES • P.B. 15.000 KS • CABINE NORMAL PARA CARGAS CONCENTRADAS

9 1/2 - 10 TONELADAS - COM ATRELADO 20 - 21 TONELADAS ÚTEIS  
6 CILINDROS - 135/155 H. P. - MOTOR "M" MULTICOMBUSTÍVEL  
É DE SEU INTERESSE SABER PORQUE DIARIAMENTE AUMENTA  
O NÚMERO DAS M. A. N. QUE CIRCULAM EM PORTUGAL

TIPOS ESPECIAIS: BASCULANTES, TANQUES, TRACTORES COM SEMI-REBOQUE E 4 RODAS MOTRIZES

7,20      5,75

REPRESENTANTES: FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO - LISBOA • PORTO • EVORA



ATRELADOS KÄSSBOHRER, OS DE MAIOR VENDA EM PORTUGAL. TODOS OS CAMIÕES M. A. N. PODEM TRABALHAR COM ATRELADOS. ENTREGAS IMEDIATAS

## PROVINCIA

### VILA NOVA DE CAÇELA

#### Falecimentos

Quando era transportado para o Hospital Marquês de Pombal de Vila Real de Santo António, vítima de acidente de trabalho ocorrido na estação de caminho de Ferro da mesma Vila faleceu o sr. Carmelino Cipriano de Freitas, ferroviário, de 32 anos de idade, filho de Porfírio José de Freitas, já falecido e da sr.<sup>a</sup> D. Mariana Jacinto Rosa.

O extinto deixa viúva a sr.<sup>a</sup> D. Maria Almerinda Argelino e na orfanidade de 2 filhos menores.

O seu funeral que constituiu uma sentida manifestação de pesar, realizou-se na passada 3.<sup>a</sup> feira para o cemitério local com grande acompanhamento, tendo o comércio encerrado as suas portas à sua passagem.

Também faleceu na passada 3.<sup>a</sup>

feira a sr.<sup>a</sup> D. Antónia de Jesus Agueda, de 78 anos de idade, viúva. A extinta era mãe dos sr.<sup>s</sup> António Vicente Júnior, construtor civil, Damião Vicente, residente em Marrocos e sogro dos sr.<sup>s</sup> Luís dos Santos Castanheira e José da Silva Trindade, Secretário da Junta de Freguesia local.

Faleceu ainda a sr.<sup>a</sup> D. Rita Carlos, solteira, de 79 anos.

A finada era irmã dos sr.<sup>s</sup> Vicente Carlos e Carlos José da Conceição, proprietários.

As famílias enlutadas apresenta o «Notícias do Algarve» sentidos pesames.

### FALECIMENTOS

#### João Delgado de Brito

Faleceu em Lisboa no passado dia 26 de Fevereiro o nosso conterrâneo sr. João Delgado de Brito, de 81 anos de idade, viúvo, de profissão soldador.

O finado era pai dos srs. Manuel do Carmo Brito e António do Carmo Brito, avô do sr. António dos Santos Brito e das sr.<sup>as</sup> D. Maria de Lourdes Palma Brito, D. Carolina dos Mártires Brito e D. Mireia Rafael de Brito Horta e sogro das sr.<sup>as</sup> D. Maria Palma Brito, funcionária dos Hospitais Cívicos de Lisboa e D. Isabel do Carmo Rafael de Brito.

#### Maria do Carmo da Cruz Rodrigues

Faleceu no passado dia 27 do corrente em Dondo-Beira (África Ocidental Portuguesa), a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo da Cruz Rodrigues, viúva, de 82 anos de idade, natural desta vila.

A saudosa extinta era mãe dos srs. Manuel da Cruz Rodrigues, Alfredo da Cruz Rodrigues e Ilídio da Cruz Rodrigues, nosso prezado assinante em Ponta Delgada.

As famílias enlutadas, o «Notícias do Algarve» apresenta as suas condolências.

## Solenidades da SEMANA SANTA em Vila Real de Santo António

Hoje, pelas 11,30 — Benção e distribuição dos Ramos. Santa Missa.

A's 17,30 — Procissão dos Passos — Sermão ao recolher.

Segunda, terça e quarta-feira — às 18 horas — Conferência de preparação para a desobriga das senhoras e raparigas.

A's 21,30 horas — Conferência de preparação para a desobriga dos homens e rapazes.

Das 9 às 11 e das 16 às 18 horas serviço de confissões.

Quinta-Feira — às 9 às 12 horas — serviço de confissões.

A's 18 horas — Via Sacra.

A's 18 horas — Missa solene comemorativa de Ceia Pascal, lava-pés; Sermão de Mandato, Comunhão Pascoal colectiva da Família Paroquial, Procissão dentro do Templo e Exposição do Santíssimo Sacramento, Denuddação dos Altares, Turnos de adoradores até às 24 horas.

Sexta-Feira — às 10 horas — Via Sacra.

A's 16 horas — Canto da Paixão, Adoração da Cruz e distribuição da Sagrada Comunhão e Sermão de Soledade.

A's 22 horas — Procissão do Santo Entero, Rermão ao recolher.

Sábado Santo — A's 10 horas — Via Sacra.

A's 22,30 — Solene Virgília Pascal com benção de Fogo e Cirio Pascal, benção da Água Baptismal, Renovação das Promessas do Baptismo, Missa Solene de Aleluia e comunhão.

Será conferencista e orador em todas as solenidades o Rev.<sup>o</sup> Padre Mário Branco.

## ÚLTIMA HORA Pousada de Turismo EM SAGRES

A' Hora da saída do nosso Jornal, tivemos conhecimento de que por Despacho Ministerial foi autorizada a construção, de uma Pousada de Turismo em SAGRES.

## Conta Gotas

CONCLUSÃO DA 1.<sup>a</sup> PAGINA)

em escolher as sombras que vão preencher a nossa vida, em sepear os canteiros que vão ser paisagem obrigatória para os nossos olhos.

A sabedoria está em não ter últimas de que sejam nós as últimas, mais tarde, quando os sonhos nocturnos conseguirem libertar-se das garras que os afogam.

Ninguém viaja só!

Aprende esta verdade tu, que inicias hoje a grande caminhada.

Maria Manuela Nunes

### QUEM PERDEU?

Encontra-se depositado no posto da P. S. P. desta vila, uma mala de criança contendo dois véus, um para criança outro para senhora. Serão entregues a quem provar pertencê-lhes.

## AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 22 a 28 de Março:

#### Entrados:

TRCEIRENSE, português, de 1.295 ton. e MADALENA, de 1.198 ton., ambos de Lisboa, com carga em trânsito.

ARBEDO, suíço, de 996 ton., de Milão, com folha de flandres, MARIA CHRISTINA, português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

#### Saídos:

ARBEDO, para Génova, com conservas.

Atuneiro RIO VOUGA, para Aveiro, com peixe congelado.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 29 de Março a 4 de Abril a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone, 31.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

## VAI A LISBOA?

VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS VASTOS SALÕES DE **MÓVEIS JANEL** NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76 - A

## SEMANA SANTA EM AYAMONTE (ESPAÑA)

Em virtude das facilidades concedidas para a passagem das fronteiras Portuguesa e Espanhola, nos dias 1 a 5 de Abril, espera-se grande afluência de visitantes portugueses os quais devem vir munidos do bilhete de identidade ou documento com fotografia, passado pelos Ex.<sup>as</sup> Srs. Presidentes das Câmaras Municipais dos respectivos Concelhos.

Os horários são os seguintes:

de 1 a 5 de Abril de 1958:  
Partidas de Vila Real para Ayamonte e vice-versa DAS 9 ÀS 20 HORAS REABERTURA DA FRONTEIRA (só para regresso) nos dias 3 e 4 (Quinta e Sexta-feira Santa) das 0 horas à 1 hora (hora portuguesa)

## VENDE-SE

NESTA VILA

Uma casa com cinco divisões, retrete, poço, pia e amplo quintal

TRATA-SE NA RUA JOÃO DE DEUS N.º 70

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Beba **BRANDE** A QUALQUER HORA. MAS BEBA BOM.



— BEBA — **KOPKE !..** — 1638 —



serras • serrotes

DE MAIS FERRAMENTAS PARA AS INDÚSTRIAS DE MADEIRA, CORTIÇA, CURTUMES E MINAS

fita de serra

**KLOSTER**

**F. RAMADA, L.<sup>da</sup>**

OVAR

LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

# HOMENS DE BEM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mão — esta passagem justiciera: «E é ainda esse sentimento cristão que nos incita e obriga a amparar os pobres, os fracos e os humildes e a vergastar com piedade os avarentos, os orgulhosos e os insensatos que parecem ignorar que o dever é a semente do direito e que sem este e sem aquele não há justiça social possível».

E que os pequenos jornais, muitas vezes, publicam verdades que os grandes jornais, por comodismo ou falta de espaço, não querem publicar...

No nosso País, felizmente, houve e haverá sempre a flor delicada e imortal do sentimento a desforrar as suas pétalas mimosas sobre os infelizes a quem as reveses da vida aniquilam a felicidade e a saúde.

O álcool, o jogo e o tabaco são três dos piores inimigos do homem, sem falar na mulher moderna, ruidá já pelos vermes que atacam a maioria do sexo forte.

O álcool inutiliza muito homem válido e arrasa muitos lares modestos; o jogo é um demónio a tentar os espíritos fracos e com tendência para a ostentação; o tabaco é um veneno que se absorve lentamente, produzindo graves afecções cancerosas e cerebrais. Por mais que se diga que os médicos proíbem o uso do tabaco, alguns viciados defendem-se com esta frase caseira mas verdadeira: *Os médicos também fumam...*

O certo é que a civilização requintada trás consigo os germes da desmoralização avançada, como pessoalmente verifiquei no Congo Francês, em 1893, quando um ciclone nos mares da Guiné Espanhola ali me fez arribar. Sobre aquela data passaram 65 anos e na minha resistente memória ficaram registadas certas pugnas travadas entre franceses e naturais do Gabão.

Tenho acompanhado os acontecimentos da Argélia com manifesta curiosidade e não menor imparcialidade. Os massacres praticados pelos argelinos colocam-nos fora das leis da guerra e dos direitos de independência. Não respeitam mulheres, crianças e velhos. E' chacinar franceses militares e civis, suprimir tudo que essa França lhes ensinou em matéria de civilização, ordem, disciplina e respeito. E' renegar um passado de lições para a emancipação desse povo arrancado à selvejaría primitiva. E', finalmente, demonstrar que a ferocidade ancestral renasceu sob a denúncia dessa almejada independência, mau caminho para qualquer povo governar-se por si próprio. A Índia, a quem os ingleses concederam a independência, é um figurino elucidativo e negativo para os homens da Europa Occidental...

Política, religião e fome são os três fantasmas que deram aso a várias matanças entre as diferentes raças indianas!

Tenho conhecido homens de bem em todas as classes da nossa sociedade, entre ricos e pobres, cultos e incultos. A bondade é

um atributo que se desenvolve em clima escolhido, como as árvores gigantescas e as flores delicadas.

Não vou, naturalmente, incluir neste artigo uma lista de homens bons que conheci ou ouvi falar neles. Seria monótono e fatigante. Cito, a correr, meia dúzia ou pouco mais, para justificar as suas dádivas e os seus nomes.

Existe na comercial e industrial cidade do Porto um hospital com o nome de Conde Ferreira. Extraordinário benemérito. Próximo da Figueira da Foz foi construído há poucos anos um hospital modelar para leprosos. Deve-se a um homem que se chamou Rovisco Pais, alma modesta e filantrópica. Nele trabalhou, como analista, uma neta minha, que ainda há pouco tempo me recordava o carinho e a dedicação do pessoal para com os enfermos.

José Relvas, fidalgo, artista, lavrador e ribatejano como seu pai, num gesto de santidade cristã, deixou os seus importantes haveres ao povo de Alpiarça, onde a sua quinta se havia transformado em autêntico e valioso museu.

Quantos beneméritos contou Lisboa? Não sei.

Lembro-me do comerciante Dias Ferreira que deixou dinheiro para os Inválidos do Comércio. Que mais?

O Conde de Castro Guimarães uma biblioteca em Cascais e o banqueiro Ricardo Espírito Santo uma preciosa colecção de quadros.

No Alentejo, que eu saiba, o médico Rosário Costa deixou os seus bens aos pobres da sua terra. No Algarve vive outro médico com o mesmo nome, creio ser sobrinho daquele e posso afirmar, sem receio, que o seu trabalho não lhe dará fortuna mas colocou-o já no limitado número de clínicos que trabalham com a maior probidade.

Recentemente, no Alto Alentejo, um lavrador solteiro deixou milhares de escudos em benefício das pessoas pobres da sua terra natal.

E o Algarve? Pouco ou nada? Um ferrador de Olhão, no meu tempo de criança, destinou os seus bens para um hospital da sua vila.

O hospital fez-se, mas constame que lutou sempre com falta de verba para o seu regular funcionamento.

Em Portimão, ia em meio a primeira grande guerra, quando o seu hospital se viu em crise. A direcção convidou um grande industrial para visitar as instalações. Viu e observou tudo, tomando o pulso ao magro rendimento. A saída tirou o livro de cheques e entregou um ao provedor. Eram de 4 mil escudos a oferta, quantia que espantou a pessoa que foi receber e toda a gente da cidade.

— «Que generosa oferta», diziam uns. Grande alma aquela, diziam outros.

No mesmo mês, em Santo Tirso, um industrial de tecidos, recebeu um convite para visitar o hospital da sua terra.

Alli compareceu à hora combinada. Percorreu as enfermarias,

conversou com os doentes e à saída, sem arriscar uma única pergunta, tirou da algibeira o seu livro de cheques e escreveu em uma dessas pequenas tiras de papel — 40 mil escudos! E saíu veementemente, para evitar os agradecimentos do provedor, do médico e mais pessoal que o acompanharam até à porta da rua. Ninguém suspeitou que aquele homem seria capaz dum gesto tão generoso!

O seu perfil biográfico ocupa resumido espaço: trabalhador rural nos primeiros anos de vida. Aprendeu a ler à luz duma candeia de lata. Depois foi tendeiro ambulante. Comprou um burrinho para lhe carregar as roupas e percorreu anos aldeias e montes no seu humilde mister. Arrecadou algumas centenas de escudos e, em segredo, comprou um tear. Deu trabalho a um vizinho tecelão. O negócio corria bem. Comprou mais tear e associou um amigo abastado. Surgiu então a firma industrial Sampaio, Ferreira & C., Lda.

Os riscados da Fábrica de Riba de Ave principiaram a ser divulgados como tecidos resistentes, bons e baratos. Novas fábricas da mesma firma construíram-se.

A fortuna, metódicamente encaminhada, fez do mísero tendeiro um industrial importante. Casou um pobre. Nasceram filhos e filhas. A mais velha das raparigas entrou a ser olhada pelos rapazes.

Certo dia, com timidez, foi pedir o conselho de seu pai:

— Tenho dois pretendentes, querido pai: o D. Fernando de Noronha e o Arnaldo, o nosso guarda-livros. Ando hesitante nesta escolha. Só resolverei após ouvir a sua sensata opinião.

O pai sorriu para a filha, dizendo-lhe com ternura:

— Não tens que hesitar entre os dois: o fidalgo é um parasita que há anos busca herdeira rica, não te serve; o Arnaldo é um rapaz inteligente e com amor ao trabalho. Prefere este.

Beijou o pai afectuosamente, perguntando-lhe:

— O solar dos nossos, será ou não construído?

Com um gesto brusco, respondeu-lhe:

O solar não passa duma fantasia da cabeça da tua mãe... As mulheres, geralmente, são mais vaidosas que os homens.

O que eu vou mandar construir são duas casas úteis para os filhos dos nossos operários e empregados: uma escola e uma cantina.

A filha abraçou o pai com respeito e disse-lhe ao ouvido: *E' a verdadeira doutrina de Cristo!*

Os operários do Norte ainda falam no seu patrão e amigo. O seu nome era este: Narciso Ferreira. Os operários do Sul esqueceram-se do seu patrão e do seu nome.

MARCOS ALGARVE

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

## Crónica Cinematográfica

# OPINIÕES QUE DIVERGEM

SE a minha vizinha do lado, que é arrumadora no cinema local, tendo por isso oportunidade de ver todos os filmes que correm, quer queira, quer não, se interessasse por estas coisas de cine-clubes, diria assim: — «Esta gente do cine-clube é muito pândega!... Imagine a vizinha que se fartam de dizer que querem um cinema bom, mas nem à mão de Deus padre querem ouvir falar dos «Filhos de Ninguém», por exemplo, um filme tão bom, tão comovedor! E vá lá falar-lhe do «Fado» ou das «Capas Negras», duas fitas tão bonitas que até parecem verdade... Quem é que os percebe?...»

Claro que a minha vizinha, que é arrumadora e por isso mesmo não tem culpa nenhuma de ver todos os filmes que correm nem de comprar a «Plateia», teria razão, assim como razão têm todos os que pensam como ela, em especial aquela outra vizinha que, como o marido é sócio do cine-clube, («não custa nada sete mil e quinhentos por mês, pois não é verdade?...») está mais a par do que se passa lá pelo clube de cinema e lhe responde: — «Pois é verdade, vizinha... E os filmes que levam? Uma desgraça! Por mais que eu diga ao meu marido para dizer a direcção que tragam filmes do Arturo de Córdova, não há maneira. Mas, enfim, isso é lá com eles...»

Pois é verdade, as minhas vizinhas têm razão, como, aliás toda a gente, desde que expresse uma opinião livre, sem coacções e pensamento reservados.

O que as minhas vizinhas ignoram, porém, como ignora o sr. Pimenta, licenciado em Farmácia e antigo regente da Banda; — «A Aida», que grande filme!...», o dr. Pinto, dogmático; — «Bem, vocês sabem, um filme bom para mim deve mostrar aquilo que eu desconheço, não o que já sei...» e uma prima minha que é costureira: — «Ai, aquele Yul Brynner,

que sensação!...», é a existência de uma linguagem cinematográfica (e quem lhes falou já de travellings e panorâmicas, plongées e contre-plongées, planos médios e grandes planos?), uma linguagem cinematográfica sem a qual os «Filhos de Ninguém» e o «Fado» e os filmes do Arturo de Córdova não podem ser bom cinema, por mais bonita que seja a história que apresentem, por mais parecida que essa história seja da realidade (e quem foi que disse que se parece?), sem a qual a «Aida» não pode ser bom cinema, por melhores momentos de ópera que tenha, (uma ópera filmada nunca será cinema) sem a qual os filmes que mostram aquilo que se desconhece não constituem só por si, bom cinema, sem a qual o Yul Brynner, por mais que rape o melão, nada vale em si próprio.

E depois, também ninguém lhes disse que, se por um lado, não são nada as histórias bonitas, a música, os mundos desconhecidos, os actores maravilhosos, por outro, também só os travellings e as panorâmicas, os plongées e os contre-plongées, não resolvem tudo, dentro do mundo complexo que constitui o filme. Ninguém lhes disse, por exemplo, que só é bom, na verdadeira acepção do termo, o filme que consegue um equilíbrio estético, o filme em que todos os seus elementos constituintes se conjuguem no sentido de formar um todo harmónico ou desarmónico, mas sem quebras de ritmo, uma obra de arte fílmica, em que todos os valores se aliem, incluindo a história, a música, os mundos, os actores, tudo isto se entrecruze, e não cada um de per si, sem choques, sem atropelos.

Portanto, as minhas vizinhas e o sr. Pimenta e o dr. Pinto e a minha prima

que me desculpem, mas o que os homens dos cine-clubes querem é precisamente um cinema assim, um cinema talvez mais complicado, talvez mais difícil, um cinema que não é bom só porque é neo-realista, só porque nos mostra problemas transcendentes de crianças abandonadas pelos seus legítimos pais, só porque nos dá música de Verdi, só porque nos conta histórias de «aborígenes e patagões», só porque nos apresenta actores que são portentos quando rapam os cabelos que a natureza lhes deu.

Os cine-clubes lutam, precisamente, contra a aceitação simplista do cinema que, se por um lado fez com que ele seja hoje o fenómeno artístico de maior repercussão social, por outro, o inibe de se cumprir inteiramente como arte que é.

Claro que as minhas vizinhas, o sr. Pimenta, o dr. Pinto e a minha prima, continuarão a ir ao cinema ver os filmes de que gostam, já porque não aceitam esta teoria de um cinema mais difícil, já porque os seus filmes são os únicos que, ao fim e ao cabo, os satisfaz inteiramente. Mas isso não impede também que os cine-clubs continuem a lutar pelo cinema que querem. E talvez que as minhas vizinhas, o sr. Pimenta, o dr. Pinto e a minha prima entrem um dia para sócios do cine-clube (sabe-se lá se por snobismo, se por pedantismo intelectual?... e comecem mais tarde a ver no tal cinema mais complicado, mais difícil, um cinema mais simples, mais acessível, mais directo, mais humano.

Até porque, ao fim e ao cabo, o tal cinema difícil e complicado não é assim tão difícil e complicado como parece à primeira vista.

Candelina Nunes

## Adão e Eva no Paraíso

A imperfeição de tudo quanto existe!

A. DE QUENTAL

II

O homem é um pequeno grão de areia  
A rolar pelos campos cultivados,  
Para desenvolver alguma ideia  
Rasga as carnes em bicos de silvados.

Todo o Adão vem preso à sua teia,  
Invisível montanha de cuidados,  
Inocentes que jazem na cadeia  
E sofrem como grandes condenados.

Herança que nos deu o Paraíso?  
Fardo misterioso de outras eras?  
Lágrimas congeladas num sorriso?

Homens, sosseguem! Não mais sejam feras,  
Não queiram transformar caminho liso  
Em montões de ruínas e quimeras!...

II

O teu pérfido riso ainda encanta,  
O' Eva do passado e do presente,  
Pois todos temos dentro da garganta  
E tal maçã de gosto adstringente...

A tua mão direita ao Céu levanta  
E pede ao Salvador na fé termente:  
— Uma passagem pela via sante  
E um companheiro bom e consciente!

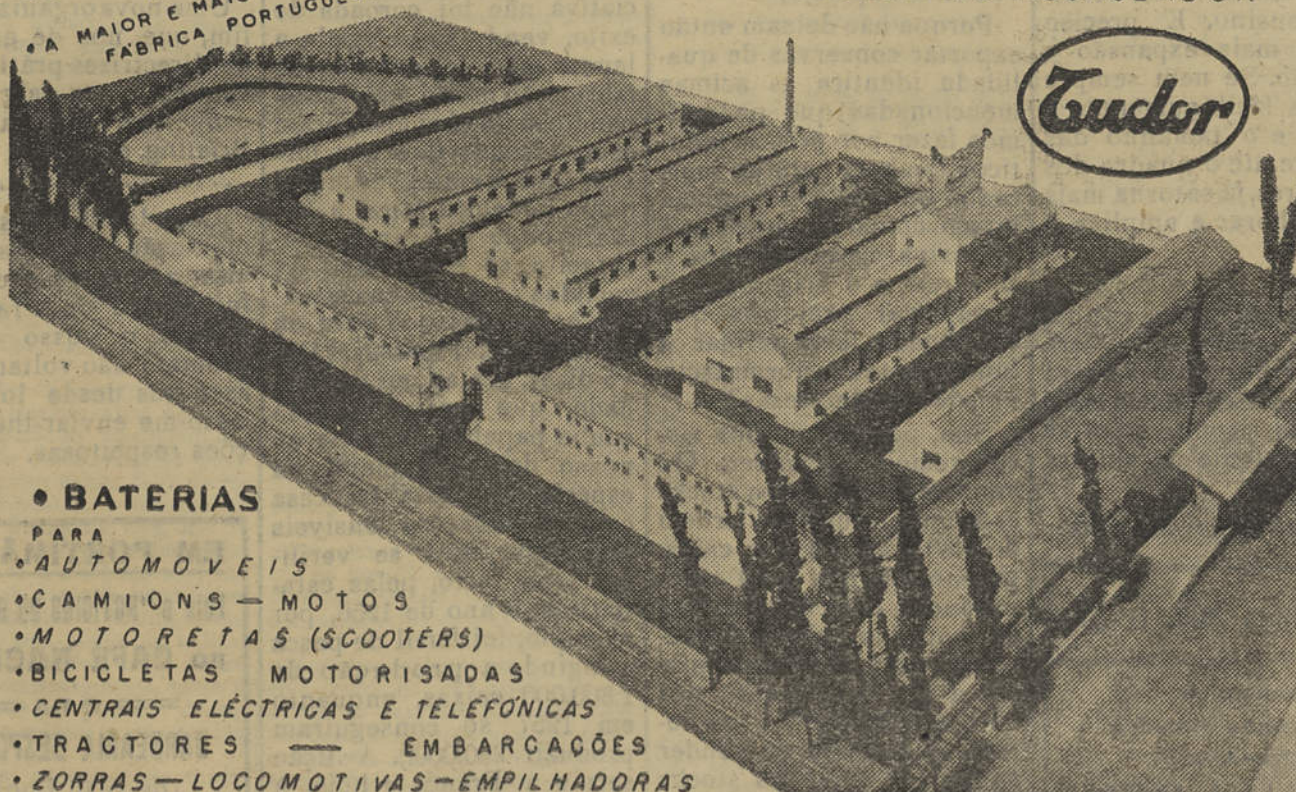
Sigam os dois unidos pelas graças  
Das vossas alegrias e pesares,  
Distantes das misérias e desgraças

A vida de trabalho faz pensar:  
Nos filhos embalados por cantares  
E na eterna missão de perdoar!

MARCOS ALGARVE

FÁBRICA DE ACUMULADORES ELÉCTRICOS  
—CASTANHEIRA DO RIBATEJO—  
SOCIÉDADE PORTUGUESA DO ACUMULADOR

• O EQUIPAMENTO MAIS MODERNO  
• A MAIOR E MAIS ANTIGA FÁBRICA PORTUGUESA



Tudor

- BATERIAS PARA
- AUTOMOVEIS
- CAMIONS — MOTOS
- MOTORETAS (SCOOTERS)
- BICICLETAS MOTORISADAS
- CENTRAIS ELÉCTRICAS E TELEFÓNICAS
- TRACTORES — EMBARCAÇÕES
- ZORRAS — LOCOMOTIVAS — EMPILHADORAS

DISTRIBUIDORES NO ALGARVE:

EVA — Empresa de Viação Algarve

Rua Infante D. Henrique, 100 — FARO

## POETAS MICAELENSES

## JONAS NEGALHA

JONAS Negalha é natural da freguesia da Maia, onde nasceu em 1933. Ao contrário do que alguns críticos julgam, Jonas Negalha não é brasileiro, nem tão pouco Negalha é pseudónimo. E' o seu nome de baptismo.

Possuidor de invulgar talento, Jonas Negalha, publicou já dois livros: *Sol Lucet Omnibus*, poemas, em 1956 e *O Génio Épico de Castro Alves*, em 1957.

Dedica-se ao estudo e divulgação da literatura brasileira e faz parte de duas instituições do Brasil: o Centro Cultural Euclides da Cunha e a Académica de Letras José de Alencar. Foi convidado a colaborar no Primeiro Congresso Internacional pela Fraternidade Universal (Buenos Aires, 1957), e colaborou da Antologia de Contos Tradicionais Portugueses, organizada por Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira.

Tem colaborado em «A Ilha», «Açores», «Diário dos Açores», de Ponta Delgada, «A União» (Angra do Heroísmo), «Comércio de Funchal» (Madeira), «O Debate» «Revista d'Aquém e d'Além — Mar», «O Ilhavense», «Comércio do Porto», «Almanaque de Angola», «Almanaque de Moçambique», jornais e revistas do Brasil, etc., etc.

Jonas Negalha está publicando em «A Ilha» uma adaptação do romance de cavalaria *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, e vai publicar um livro de contos populares e uma antologia de Poesia Brasileira.

Este jovem escritor e poeta procura divulgar também as literaturas hispano-americanas, polaca, romena, checoslovaca, húngara e escandinava. Tem vários volumes inéditos de poesia e de prosa.

A terminar estas notas bio-bibliográficas dum nome positivo da literatura micaelense — o Prof. Jonas Negalha — transcrevemos o poema POETA (uma amarga verdade), com que abre o seu livro *Sol Lucet Omnibus*

Enquanto o Poeta vive, ninguém  
do seu nome e dos versos que ele  
rescreve,  
por muita luz que jorre  
do sonho que o domina e embala.  
Vive tão morto como os Mortos.  
[Nem sabem que existe.

Porém,  
quando morre, ninguém cala  
o esplendor que se lhe deve.

Destino triste!  
O sonho que me embala  
é o sonho das coisas que não tive.  
Que importa? — O Poeta existe,  
[o Poeta morre,  
e só depois de morto é que ele  
vive!

Ilha de S. Miguel, 1958.

Maria Leonilde



«MOINHO DO PAÍS DAS TÚLIPAS»

Linóleo de José dos Santos Marques

## UMA CRÔNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

va de propaganda e de fomentação da venda do jornal: aquilo que verdadeiramente interessa aos nossos jornais de maior expansão: e até aos de pequena expansão — porque não dizê-lo?

Uma visitante ilustre na Madeira — Quem sabe, sabe — Uma cidade em festa — Edifícios escolares para Moçambique — Cobranças das Alfandegas Portuguesas — A comunhão Pascal das Forças Armadas — Ihe está apreensivo — Se e Neto entender... — Medo resiste — O Mistério Selwyn Lloyd — Anúncios do dia — O Islão do Tio Sam.

Páginas centrais de um diário que várias gravuras ilustram. Dramas, realidade, política, certezas e icógnitas.

Ultimamente a Marinha tem sido beneficiada com várias novas unidades construídas em Portugal. E' consolador e enche-nos de esperança verificá-lo. País de marinheiros e de operários plenos de possibilidades, Portugal pode procurar reviver o passado. Não descobrindo novas terras, tão descobertas estão todas já, mas encetando uma política de intenso apetrecho naval e de intensa produção industrial.

Marinheiros destemidos e operários competentes não faltarão, basta que os solicitemos e lhes demos aquele bem estar e segurança que deve ser apanágio de quem tem oito séculos de gloriosa história para contar.

Acentua-se a crise nos Estados Unidos da América do Norte.

Quando um país proporciona aos seus filhos um ambiente de desperdício, de prazer desregrado, de uma falsa educação e de uma moral acente nas frequentes dissoluções dos lares, não pode esperar-se outra coisa.

Não é com o racismo, com os trusts, com o benefício desmedido de uns tantos em manifesto prejuízo da comunidade que uma nação poderá erguer-se à altura conveniente. Pouco importa a abundância, sobretudo quando essa abundância se transcende e passa a

ser tida como um todo absoluto que tudo pode comprar e sobreverter.

A felicidade está mais no labor metódico, honesto e consciencioso, do que no dinheiro.

Para que a crise não venha enegrecer periodicamente, em ciclos que se tornaram tão evidentes como crónicos, precisa a grande nação americana de reeducar a sua juventude e dar-lhe uma nova e mais consciente mentalidade. E só através dessa mentalidade poderá processar-se a reforma do sistema económico que a articula, de molde a trazer um nível de vida real e não fictício.

O que falta ao povo americano é uma consciência das realidades, o que se impõe é que deixe de ser uma criança minada a quem se faz todas as vontades. O povo americano tem muito que aprender com a velha e experiente Europa onde as coisas e as pessoas têm o seu valor exacto.

Quem sabe, sabe. Mas nem sempre se sabe o que se quer nem se encontra forma de aprendê-lo. E há tão pouco quem saiba... As nossas escolas são pobres no ensino e na técnica do ensino. E' preciso dar-lhes mais expansão e expressão. Se nem sempre se torna fácil aumentar o número e o tamanho das escolas, e até o quadro dos professores, já setorna mais fácil melhorar e ampliar o ensino.

Quando tal suceder, o «Quem sabe, sabe», ganhará maior elevação e será de maior proveito; deixará de ser uma banalidade mais ou menos risonha para se converter fonte de cultura verdadeira.

José dos Santos Marques

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

Seja económico  
Poupe muito dinheiro  
PREPIRA A  
TIPOGRAFIA SOCORRO  
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3

## CRISE... NA INDÚSTRIA CONSERVEIRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

minha mal alinhavada posição.

Ora eu disse que a nossa indústria não está automatizada para um substancial aumento de produção — como nos dizem necessário, visto tratar-se de uma indústria exclusivamente de exportação e esta ser de importância vital à economia da Nação — e assim é. Pelo método processado actualmente o aumento só é possível pelo maior número de braços que particularmente no centro do Norte não há. O aumento nestas condições também não traria vantagens económicas. Para aumentar a produção com economia teríamos de empregar aparelhos que, embora não nos dêem produtos altamente qualificados, darnos-iam com certeza o produto médio, aceitável, perfeitamente comestível a que me referi.

Claro que já estou a vêr o Sr. manear a cabeça significando discordância, a dizer-me que não pode admitir outra coisa que não seja sardinhas portuguesas de superior qualidade, como garantia do prestígio que mundialmente gosam. Muito e muito bem; mas vamos.

Se no conceito geral e mais no íntimo de cada um a indústria de conservas alimentícias, é indústria de comércio normal, exclusivamente de exportação, acho que deveria preparar-se para enfreitar e emparceirar com a concorrência internacional em todas as circunstâncias e momentos. Ora nós não podemos vender mercadoria neste momento sem correr o risco de considerável prejuízo...

Os técnicos alemães e doutros países concordam com a alta qualidade do nosso produto, mas o consumidor, subjugado pela pressão do poder económico, é impellido a procurar e muito bem, produtos muito mais baratos e encontrados, embora similares, nos pilchards da Jugoslávia, nas sardinhas do Norte de África, nos silds e brislings da Noruega e até nos silds-sardines da própria Alemanha que compram e comem sem relutância. Desejariam comprar as sardinhas portuguesas mas só se estas fossem por igual preço ou levemente superior.

Porque não deixam então exportar conservas de qualidade idêntica às acima mencionadas que paderiamos fazer por preços idênticos também para os mercados onde a concorrência internacional se mostrasse agressiva, cerceando-nos o comércio e o brigando-nos a suportar prejuízos que bem bodem fazer perigar os fundamentos da normal actividade das empresas?

Sim, porque um dos riscos temos de correr: Ou vendemos os nossos stocks com um prejuízo da ordem dos 80 escudos por caixa, preparando-nos para nova produção com a aquisição de matérias primas e materiais num regime de preços a que o momento nos obriga e aconselha, ou teremos de deixar de vender aguardando que os stocks de similares e sardinhas concorrentes se esgotem, suportando, além do mais, a perda da nossa posição nos mercados.

Como fariamos nós conservas por preços idênticos aos da concorrência, pergunta o Sr.?

Enquanto as indústrias de pesca e conservas não exerçam a sua exploração em perfeita comunhão de interesses; enquanto estes forem antagónicos por força da actual e natural constituição da exploração, uma solução de compromisso dentro do mais elevado critério de justiça e honestidade poderia aproxima-las para o estabelecimento dum contingente preferencial da pesca para as conservas — como em tempos se ventillou — por preços e condições que a ambas desse possibilidades de sobrevivência. Depois, mecanizando, automatizando a indústria para uma aceitável segunda qualidade. Fazendo simultaneamente pelos métodos clássicos uma parte da produção atribuída à primeira qualidade e tudo auxiliado pela obtenção de mólhos e materiais em melhores condições.

Diz-me o Sr. que lhe apresente argumentos que o convençam de que por esse sistema e com essas duas qualidades para o mesmo mercado não estaríamos a bater-nos em nós próprios?...

Quanto ao sistema já disse o que se poderia obter. No que respeita a qualidades, ocorre-me como argumento o que sei das sardinhas francesas: Como o Sr. sabe, o método classico de França, ha muitos anos, para afabrição das suas maravilhosas sardinhas que se impunham no Mundo, era a fritura em banho de finissimo óleo frequentemente renovado e o enlatamento e demais operações com inexcusáveis cuidados. Além disto esses cuidados sem limites logo se verificavam nas quantidades de peixe que os barcos transportavam, no levantamento e condução para a fabrica etc. Evidentemente que tudo isto era formidavelmente oneroso pelo consumo de óleo, do emprego de muitos utensílios, de muitas operações antes e depois da fritura e sobretudo pela lentidão da mão d'obra como se fazia mister. Contudo os resultados eram relativamente compensadores pois operavam quasi sós nos limitados mercados. A concorrência, porém, da qual nós portugueses faziamos parte integrante importantissima, começou por imitá-los. A iniciativa não foi coroada de êxito, vendo-se obrigada a lançar mão de métodos de fabricação muito menos dispendiosos e rápidos. Foram estes últimos que nos forneceram armas com as quais podemos atacar a forteza onde a França conserveira se encerrara. As sortidas foram tão constantes e maciças que teve de de nos deixar passar. Devo dizer, em abono da verdade, que nesta rendição coube papel importante ao nosso desaparecimento da espécie na costa francesa com as oscilações sensíveis que ainda hoje se verificam. (De facto, pelas estatísticas, o ano de 1956, por exemplo, foi fértil de pesca atingindo a produção de 1.300.000 caixas, enquanto em 1957 só conseguiram produzir 280.000). A lição serviu à França e hoje, à parte uma percentagem que continuam a trabalhar pelo método classico — que sabem valorizar — o restante é pela cosadura a vapor e ar quente em aparelhagem moderna, e automática em algumas das suas unidades. Não sei, respeitável Sr. se

o pouco que sei e contei o convenceram...

Leio agora atentamente o final da nossa carta e como ele me parece traduzir uma forte convicção, um pensamento amadurecido e sincero, uma opinião que eu devo respeitar, vou, com a deficiente vénia, transcrevê-la em parte:

«Acima de tudo, o prestígio das nossas sardinhas impõe-nos deveres que temos de respeitar suceda o que suceder.

Não podemos enfrentar a concorrência externa com o aviltamento da qualidade para baratear o produto.

Proceda-se em Portugal á reorganização da industria (o que já se devia ter feito) em moldes a suportar estes desequilíbrios de que sofrem quase todos os produtos alimentícios de exportação e que me parecem transitórios;

Submetam-se as fábricas a uma capacidade de produção, variável se quiseram, adequada às circunstâncias e ao momento, procurado que esse movimento para mais ou para menos (até onde a previsão humana possa chegar) garanta a estabilidade dos preços;

Uma nova organização materialmente forte para o que sobejam as garantias da actual Instituição;

Uma nova organização que concentre industrial e comercialmente o principal de quanto a indústria carece, desde a principal às restantes matérias primas e aos materiais;

Que exija do industrial a reserva com registo de uma ou duas das suas marcas papeixe de verão, escolhido, fazendo-as valorizar, não metendo nessas marcas, embora de apresentação agradável, peixe das duas transições, — começo ou declínio — de composição fisiológica, falhas de elementos energéticos, sabor insípido e tantas vezes detestável;

Que intervenha para que se fixe o começo e final da safra no período que vai de 1 de Maio a 31 de Dezembro sem possibilidade de alteração;

Que imponha com rigor o período que vai de 1 de Agosto a 31 de Outubro para a fabricação de especialidades sem alteração, sejam quais forem as razões aduzidas;

Uma nova organização, enfim, que nos dê garantias, de directrices práticas e eficientes a par dalguma sua congénere como a Central Brisling, etc.»

O poder da vossa argumentação não destroe em mim a convicção de que o futuro me dará razão. Seguindo o vosso conselho prometo não voltar mais ao assunto desde longe permito-me enviar-lhe, saudações respeitadas.

G. A.

## EM PORTIMÃO

Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»  
no CAFÉ NACIONAL

e na  
BARBEARIA DESPORTIVA  
(de João Bonito)

## RAFAEL ALMEIDA SANTOS

RUA DIAGO CÃO, 20 - Évora

TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO PARA

AUTOMÓVEIS,

EXAMES E

TROCA DE CARTAS MILITARES. INFORMAÇÕES GRATUITAS

AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

# FUTEBOL



## Campeonato Nacional da III Divisão

### LUSITANO, 3-D. S. BRÁS, 0

(ao intervalo 1-0)

**LUSITANO** — Abraão; Pescada, Antunes e Daniel; Parra e Campos; Vitoriano, Marco, Padesca, Travaços e Ludgero.

**D. S. BRÁS** — Afonso; Brás, Patrão e Brito; Rogério e Fernando; Santos, Morgado, Filipe, Luís e Manotas.

Árbitro: Castilho da Silva, de Beja.

Jogo no campo Francisco Gomes Socorro com apreciável assistência.

Num encontro de baixo nível técnico, o Lusitano venceu por 3 bolas como poderia ter vencido por 10, se os seus avançados se compenetrassem de uma vez, que tentam meter golos, não é só pretender levar a bola até mesmo à boca das redes, mas também, e sobretudo rematar, quando estão em condições de o fazerem, sem exaltações.

É possível que essa e outras situações dos avançados lusitanistas, a que já nos temos referido, seja uma grande parte daquele azar que teima em não deixar de acompanhar constantemente o Lusitano, azar esse, infelizmente mais uma vez confirmado no passado domingo. A marcação pela Federação de um árbitro da Associação de Beja, que está longe de ser um juiz capaz de dirigir encontros de responsabilidade, a expulsão de Vitoriano e o acidente sofrido pelo guarda redes Abraão nos últimos instantes do desafio—que não sabemos se privará o clube do seu concurso no jogo de hoje em Beja—bem atestam essa falta de sorte. O jogo começou com as

equipas a movimentarem-se com rapidez. Ainda não iam decorridos 10 minutos já o Lusitano estava na posição de vencedor com um golo obtido por Travaços e na sequência de uma série de remates da linha avançada. Com este golo o clube local pareceu entusiasmar-se, vendo-se então um pequeno período de futebol razoável.

Aos 19 minutos, um dos momentos mais agradáveis do encontro, uma troca de passes entre Padesca e Marco proporcionou a este um excelente remate a razar a trave.

Pouco depois, numa avançada aparentemente sem perigo, uma exaltação da defesa lusitanista coloca Abraão em dificuldades. Passado o perigo o Lusitano voltou ao ataque, e aos 20 minutos Ludgero passa a Vitoriano e este a devolve ao mesmo jogador que, com um potente remate faz o esférico bater estrondosamente na trave. Na recarga, a defesa do S. Brás comete falta que marcada por Daniel, é defendida pelo guarda redes.

Na segunda parte o Lusitano entrou à procura de um resultado que o puzesse a salvo de qualquer surpresa.

Aos 3 minutos um forte remate de Travaços é devolvido pelo poste. O S. Brás tentando sacudir a pressão do adversário, fez algumas avançadas mais em força do que em geito, que a defesa do Lusitano desfazia sem dificuldade de maior. Iam decorridos 18 minutos da segunda parte, quando Marco faz o segundo golo da sua equipa. Aos 40 minutos, Marco de posse da bola, com um passe inteligente endossou-a a Ludgero que com um toque

subtil marca o terceiro e último tento do Lusitano.

A um minuto do fim, Abraão abandona o campo fortemente magoado.

Do Lusitano não distinguimos nomes porque quase todos jogaram pela mesma bitola. No entanto estranhámos que uma equipa tenha oscilações tão desconcertantes, pois tão depressa via-se ligeiros períodos de razoável futebol, como logo a seguir, um futebol pouco menos que de principiantes. E isto acontece com certa frequência.

O S. Brás é uma equipa jovem e fraca que não deve ter outras esperanças que não seja uma posição intermédia na classificação final. A sua forma de jogar foi em força, alimentada pelos esforços generosos do interior direito Morgado, interior esquerdo Luís e do defesa central Patrão.

A arbitragem foi muito fraca. O sr. Castilho não nos convenceu que tivesse conhecimentos suficientes para dirigir encontros de certa responsabilidade. Desconhecedor da lei da vantagem, excitante e descontrolado num jogo fácil e correcto, teve decisões verdadeiramente infelizes, como por exemplo assinalar um livre indirecto para depois consenti-lo directo; confirmar um golo, na verdade irregular obtido por Marco, para logo a seguir e sem quaisquer consultas o anular. Só na expulsão de Vitoriano soube manter uma posição que não deixou de ser um bocadinho forçada.

#### Outros resultados

S. Domingos, 1 — Aljustrelense, 1  
Sambrasense, 2 — Moura, 1  
Silves, 5 — Despertar, 1

#### CLASSIFICAÇÃO GERAL

U. Sambrasense	13 pontos
Silves	12
Aljustrelense	11
LUSITANO	11
Moura	11
Desp. S. Brás	10
S. Domingos	8
Despertar	4

#### Jogos para hoje

Despertar-LUSITANO  
Aljustrelense-Silves  
Moura-S. Brás  
Sambrasense-S. Domingos

## BASQUETEBOL

### SÉRIE A

**Campo Alameda-Faro**  
S. Lisboa e Faro 33 — C. F. «Os Bonjoanenses» 58

(ao intervalo 29-16 a favor do Bonjoanenses)

S. L. F. — André-Jorge (11), Rocha (10), Alexandre-Pinto (8), Xavier (2), Carvalhal (2).  
C. F. B. — Cabrita (21), Brito (15), Adelino (9), Dias (6), Bernardino (1), Jesuino (7), Jesus (14), Mendonça (4).

**Campo Francisco Gomes Socorro Vila Real de Santo António**  
Lusitano F. C. 30 — Ginásio C. Olhanense 20

(ao intervalo 12-6 a favor do Lusitano)

L. F. C. — Branco (12), Gavino-Pinheiro (2), Carro (6), Andrade (9), Leal-Belião-Albano-Jara (1).  
G. C. O. — Lázaro (2), Pinto (8), Graça (6) M. Fernandes-Bruno (4), Faisca.

### SÉRIE B

**Campo de S. Luis-Faro**  
S. C. Farense 46 — C. D. «Os Olhanenses» 23

(ao intervalo 19-13 a favor do Farense)

S. C. F. — Gago (2), Caronho (6),

## TEM DE IR A CAPITAL?

### PREFIRA A

# Pensão Évora

### RESIDENCIAL

## O MAIOR CONFORTO

Águas correntes em todos os quartos, quentes e frias

Preços módicos

Rossio, 59-2.º, Dt.º - LISBOA - Telef. 367666

## REFLEXOS DE UM HOMEM DA RUA

# OS BOATEIROS

O Mundo vive uma época de inquietação e de sobressalto como se a Terra, nas suas trajetórias já um tanto desequilibradas pela mão do homem, atravessasse numa zona perigosa na iminência de um cataclismo universal. A nossa sensibilidade tem hoje os nervos gastos, enfraquecidos por choques violentos de comocões. Assistimos a tragédias que não podem deixar-nos indiferentes pela sua projecção. Ontem foi a guerra, catástrofe semeando por entre ruínas a fome de milhões de crianças numa Europa devastada, lacerada e carcomida por incuráveis gangrenas. A crise económica, que estremece os caboucos da organização social alastra como epidemia, e seja qual for a posição que se disfrute, desde o homem de gabinete ao homem da rua, desde o Crestus habitando uma residência de Verão na «Côte d'Azur», ao Job que vive no bairro mais pobre de Nápoles, todos sentem este mal-estar permanente. Cada um tem as suas preocupações, e dessa congérie infinita de problemas económicos e morais, exala-se uma incessante perturbação — como um fermento emanando vapores tóxicos. Vivemos as nossas angustias e as inquietudes do nosso semelhante. Nunca no Mundo houve mais íntima compreensão de que cada um de nós é comparsa de um grande drama. E, contudo, existem criaturas de uma insensibilidade que ofenderia um mineira: são as que encontram para a sua epilepsia de sádicos, voluptuosos deleite em espicaçar-nos os

nervos e exacerbar a agitação em que torvelinham os nossos pensamentos. São os inventores do Boato, os fabricantes de coisas terríficas e alarmantes. O D. Basílio do «Figaro» já falava do Boato;

Per l'orechia della gente s'introduce. S'introduce destramente!

A imaginação atrevida destes exploradores da boa-fé, põe um acento de autenticidade em todas as fantasias. Na figura banal de uma pessoa que é incapaz de fazer mal a uma mosca, o boateiro insinua, persuade, mostra-se detentor da «verdade» que ninguém ainda sabe — senão ele...

E segreda-nos as suas revelações colhidas em fontes fidedignas: Está iminente nestas próximas vinte e quatro horas a invasão da Romélia pelas tropas do general Catrapum; a peste bubónica alastra na península calcídica e está quase a bater-nos à porta com a sua mão esquelética que, quando se abre, deixa cair vaticínios de morte; eclodiu um movimento sedicioso em Malaquitos e há novecentas casas incendiadas, correndo o sangue pelas ruas como no 14 de Maio; no Pangana-fistão morrem diariamente trezentos milhões de criaturas, e o cometa avistado dos planaltos dos Andes queimou cidades inteiras na América Latina...

Este sujeito acaba por nos bater no ombro e pedir um cigarro. Frequenta os cafés. Não tem que fazer. É uma vermizela que roe tudo, um parasita nocivo que urge escalar a nossa seara...

Jorge Ramos  
De «O DEBATE»

Anuncie e propague «Notícias do Algarve»

## CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

### UMBIGO ROMANTICO

Os românticos fizeram do eu tema e... teima. Promoveram o umbigo pessoal a centro do mundo. De si, e consigo, monologaram. Foram egocentristas sentimentais. Narcisamente dolorosos. Enamorados das próprias dores—das quais fizeram poemas. Da própria paisagem fizeram acentuados estados de alma. Quando Montaigne escreveu:—Moy, je replie ma une au dedans, je l'amuse là, je n'ay affaire qu'à moy, je me considère sans cesse, je me contrerolle, je me goûte je me roule en moi-même—era como se estivesse marcando, com larga antecipação, um programa cem por cento romântico.

### MATRES DOLOROSAE

A Rainha D. Maria Pia, ao entrar no Arsenal, já sabia que seu filho, D. Carlos, fora varado por balas assassinas, no Terreiro do Paço. Na sala do Arsenal, onde se encontrava o cadáver do Rei, estava a Rainha D. Amélia. E este diálogo-relâmpago se passa entre as duas Rainhas:

D. Maria Pia,—Alors, on a tué mon fils.

D. Amélia, erguendo a cabeça.—Oui. Et le mien aussi.

D. Maria Pia, com a voz rasgando-lhe a garganta e o coração.—Et le tien?!

O resto foram lágrimas e silêncio. Duas mães amarfanhadas pelas garras da dor, da qual elas não fizeram um poema, mas que é um poema, um espantoso poema, o de duas Mães dolorosas.

### EDUCAÇÃO E

### PERSONALIDADE

Um bom programa de educação é respeitar a personalidade do educando. Mal andamos em pretender ajettá-lo a um padrão arbitrário, que desdiga das suas específicas aptidões. A força de o querermos à imagem e semelhança do nosso ideal, talvez se perca um homem, para ganharmos um boneco, quando, afinal, do que nós precisamos é de homens, e não de bonecos, de seres bem vertebrados, e não de alforreacas.

Mas então deveremos deixá-lo crescer absolutamente à toa, para não lhe minguardmos a personalidade? Ninguém pensa nisso. Seremos solícitos em lhe proporcionar o desenvolvimento das suas qualidades construtivas, mas não transgrediremos com os seus erros.

## Campeonato Nacional da II Divisão

### Farense, 0-Covilhã, 0

Os quarenta minutos iniciais decorreram em toada favorável aos algarvios que fizeram o suficiente para atingir o intervalo com um ou dois tentos à maior. Não que dominasse com grande nitidez e com insistência, mas especialmente porque mais rápidos e incisivos no caminho da baliza adversária, criaram algumas ocasiões de golo, o que os covilhanenses não conseguiram, pois as suas tentativas de ataque, embora tivessem apreciável recorte técnico morriam, invariavelmente, no embate com a defesa dos donos do campo. Sobressaiu, assim, a quantidade e a qualidade de trabalho que coube a cada um dos guarda-redes. Enquanto Isaurindo executou seis defesas, nenhuma a exigir especial mérito, Rita foi chamado a várias intervenções a cluço, pelo menos, daquela que se podem classificar de angustiosas. Cite-se ainda, que houve quatro «cantos» contra o Covilhã e dois contra o Farense.

As ocasiões de golo que se depa-raram aos algarvios, além das anuladas pela acção de Rita foram impedidas pela infelicidade de Queimado a rematar e pela falta de rapidez de Armando, o extremo do outro lado. Queimado teve, aos 39 minutos um dos chamados golos feitos, quando a finalizar uma excelente jogada em que intervieram Remígio, Armando e Realito, se viu a cerca de três metros da baliza, com todos os trunfos à sua mercê e chutou, desastrosamente, sobre a barra, quando um pequeno desvio bastava para colocar a sua equipa em vencedora.

O jogo, foi agradável de surgir e até que a chuva não imperou teve uma movimentação e um nível técnico muito apreciáveis. Depois o seu índice desceu naturalmente porque o campo passou a oferecer péssimas condições.

### Atlético, 3-Olhanense, 1

O desafio tem fraca história. Durante a primeira parte, mesmo sem jo-

gar bem, a equipa algarvia criou problemas à defesa alcantarense, que andou positivamente à deriva de cada vez que o ataque adversário fez correr a bola rente ao terreno. Nas suas incursões, mais em jeito de contra-ataque do que, por via de regra, em ofensiva sistemática, os avançados do Olhanense puseram os alcantarenenses em sobressalto. Estes replicam sempre, animosamente, é certo, mais por forma desconexa, sem ligação, mais sabor da inspiração de momento (muito fraca) do que por efeito de qualquer sistema. Por isso a defesa dos visitantes não teve grande dificuldade em anular o trabalho dos avançados contrários e apenas uma vez Abade se viu obrigado a mostrar a sua categoria, numa estrada de classe para evitar que um grande remate de Luiqui chegasse ao seu destino.

A parte este lance, na verdade merecedor dos aplausos gerais, poucas coisas boas se registaram mais. Houve acentuado equilíbrio territorial, cortado por ligeiros períodos de vantagem de um ou outro grupo. Couberam, no entanto, ao Atlético, as melhores oportunidades de marcar. Pondo mais ardor nas suas arrancadas para a baliza, o Atlético conseguiu criar situações de muito perigo, desfeitas quase sempre pelos defensores ou anuladas por deficiência no remate, Luiqui, Orlando e Martinho visaram as redes de Abade em várias ocasiões, sem que, no entanto, o obrigassem a intervenções difíceis, sem falar claro, no já referido grande tiro de Luiqui e grande defesa do guarda algarvio. Pelo seu lado, os avançados do Olhanense também não se esqueceram de atirar à baliza. Mas a pontaria errou amiúde.

Se a primeira parte tinha sidomal jogada, a segunda ainda foi pior. Para isso contribuiu a necessidade imperiosa que o Atlético tinha de ganhar, para manter aspirações à subida de divisão, igual desejo do Olhanense e o cortejo de deslizes da arbitragem, com reflexos inevitáveis no estado de espírito dos contenedores.

## HERDADE NO ALGARVE

Vende-se, denominada Monte do Sol e anexas, situada na freguesia de Alcoutim, com a área de 262 hectares, composta de boas terras de cultura, montado, bastante olival, grande amendoal em plena produção, hortas com pomar de laranjeiras e outras árvores de fruto, com casa própria, poços com boa e abundante água, em parte banhada pelo Rio Guadiana, com bom Monte de Habitação e dependências agrícolas, e tem ligação telefónica privativa n.º 1002 de Alcoutim.

Podem ser vista aos domingos, a partir de 23 de Março.

Dirigir propostas ao Dr. José Gonçalves Fagulha, Beja, que reserva o direito de as não considerar, se não lhe convierem.

Afonso (2), Estevinha Mónico-Bastardinho (10), Vinhas (26).  
C. D. O. — A. Madeira-Serrano (4), L. Branco (2), Luís do O (17), Serro-Simões-Relvas-Ramos.

Hoje, realiza-se a segunda jornada, com os seguintes jogos:

### SÉRIE A

C. F. «Os Bonjoanenses»-Lusitano F. C.

C. Bom João-Faro  
Ginásio C. Olhanense-S. Lisboa e Faro

C. A. Gouveia-Olhão

### SÉRIE B

S. C. Farense-S. C. Olhanense  
C. S. Luís-Faro

## MERCEDES-BENZ





MOTORES MARÍTIMOS E INDUSTRIAIS

**HOJE**  
No campo «Francisco Gomes Socorro»  
PELAS 15 HORAS  
**S. C. OLHANENSE — V. GUIMARÃES**  
A CONTAR PARA O CAMPEONATO DA II DIVISÃO (FASE FINAL)

**DE 25 A 225 H.P. ENTREGA IMEDIATA**

**POTÊNCIA SUPERIOR**  
ATÉ 1350 H. P.  
ENTREGA RÁPIDA

**C. SANTOS LDA**  
DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA  
TRAVESSA DA GLÓRIA, 17 - LISBOA  
R. STA. CATARINA, 160-168 - PORTO

R. Dr. Teófilo Braga, 50  
**Vila Real de Santo António**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tas montanhas um grande lago quanto, mesas antes, eles haviam ali aportado devido ao temporal e encontrado uma ilha povoada, cheia de palácios e de riquezas; a lenda de S. Patricio e a de S. Brandão; a lenda do Gigante Almouro, cujo corpo foi moldado sob a forma da Ilha de S. Miguel e que os lagos das Sete Cidades deverem a sua formação a um violento coice que sacudiu o pé esquerdo daquele gigante. A lenda do Arcebispo Genácio e dos sete bispos que nela viveram e sob as suas ordens construíram sete cidades; a lenda da Bela Eufémia, uma das quinze filhas do Rei Atlas e neta do Deus Júpiter, que não quiz casar com nenhum dos dez filhos de Neptuno que reinavam na Atlântida, etc.

São vários os historiadores e cientistas que se têm ocupado deste pedaço maravilhoso de S. Miguel, e igualmente os Açores que dizem ser restos da formosa Atlântida, e de entre eles Gaspar Frutuoso conta-nos que este «pico das Sete Cidades depois da achada da Ilha, logo naquele primeiro ano tornando o navio do Reino, os primeiros descobridores que nela ficaram, ouviram trovoadas e estrondo, com grandes tremores de terra, e neste tempo, na Povoação Nova que depois se chamou Velha, o sentimento arrebentou com grande força de fogo, salitre e enxofre, e dele subiu ao ar e tornou a cair por todas aquelas terras em redor, que dantes eram mais rasas e as fez mui altas e dependuradas...».

A igreja de S. Nicolau que naquele pitoresco vale se ergueu por iniciativa e à custa do Coronel Nicolau Maria Raposo do Amaral, completou já 100 anos de existência, pois que foi beneta em 16 de Agosto de 1857.

As ruas principais, segundo o Padre António J. Lopes da Cruz, são: Rua da Igreja, Rua Direita, Rua Nova, Rua da Caridade, Rua da Cidade e a do Cerrado das Freiras, assim chamado por nesse local se terem refugiado em cabanas de palha as freiras dos Conventos de Ponta Delgada, por ocasião da invasão da Ilha pelas tropas do Prior do Crato.

O Vale das Sete Cidades,

# Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO V N.º 251

DOMINGO

30 - Março - 1958

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

## As Regiões de Turismo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

aplicaram-se verbas em obras que não têm qualquer finalidade turística, surgiram publicações com aspecto gráfico e com texto e contraproducentes.

Por isso, depois de uma campanha esclarecedora, o governo legislou no sentido de remodelar a organica do turismo local, criando regiões que, por suas características e possibilidades venham a desempenhar papel de relêvo no progresso das respectivas áreas e no plano geral do turismo português.

Dessa forma agrupam-se zonas em meios geográficos, as vias de comunicação, os usos, os produtos regionais, por suas afinidades ou contrastes, merecem formar uma região, espaço de maiores possibilidades até no aspecto da selecção de dirigentes.

O Ministro da Presidência, Sr. Professor Dr. Marcello Caetano, ao empossar em Janeiro último, os dirigentes da região de turismo da Serra da Estrela, na Covilhã, venceu com a sua pre-

## A PESCA Á LINHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ponto dos Estados Unidos que não tenha um ou dois locais de venda destes géneros de isco. Este é vendido em recipientes cuidadosamente preparados e é expedido em caixas metálicas para as zonas de pesca, situadas a dezenas de milhas, durante as épocas próprias.

Quanto aos méritos desta variedade de isco, não é possível fazer-se a sua classificação, pois muitos deles são de origem e uso local, principalmente nos Estados do Sul, onde géneros de pesca altamente especializados têm favorecido a difusão de tipos de isco pouco vulgares.

com as suas duas unidas lagoas, uma verde — a mais pequena e a outra azul — a maior, é ponto obrigatório dos turistas, que não se cansam de admirá-las do alto da Vista do Rei.

Ilha de S. Miguel. 58

Marla Leonilde

sença o interesse do governo por esta região e acentuou que uma das vantagens da sua criação é que justamente o apoio, o auxílio do governo à obra de turismo tornava-se extremamente difícil se fosse dado a umas dezenas de pequenas zonas dispersas por todo o País. E é muito mais fácil estabelecer-se um sistema de colaboração visível, uma assistência vantajosa quando o governo esteja em frente de algumas regiões que tenham dimensões e possibilidades de receber e de aproveitar essa assistência e essa colaboração.

Nos termos da Base XXIV da Lei N.º 2.082, de Junho de 1956, foram criadas as regiões de turismo da Ilha da Madeira, com sede no Funchal, de Ponta Delgada (abrangendo as ilhas de S. Miguel e de St.ª Maria) e de Angra de Heroísmo (abrangendo a ilha Terceira).

A região de turismo da Serra da Estrela, com sede na Covilhã, foi criada em 2 de Março de 1957 e abrange os concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão, Gouveia, Manteigas e Seia.

Em 7 de Fevereiro último foi criada a região de turismo da Serra da Arrábida, com sede em Setúbal, abrangendo os concelhos de Setúbal, Palmela e Sesimbra.

E' também da mesma data a criação da região de turismo de Leiria, Batalha, Marinha Grande, Porto de Mós e Vila Nova de Ourém.

A 19 de Fevereiro outra região foi criada por lei: a da Serra do Marão, com sede em Vila Real de Trás os Montes e abrangendo este concelho e mais os de Amarante, Baião, Celorico de Basto, Marco de Canavezes, Mesão Frio e Modim de Basto.

Assim se vai criando uma nova organica turística, assim se fomenta o turismo português.

Anuncie neste jornal do grande expansão em todo o País.

## ALGARVE EM FLOR

# AÇOTEIAS E MONTANHEIRAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

duras da horta, E, secundariamente, são uns belos mirantes para recrear a vista.

Rentes a elas, irrompem chaminés, depósitos de água e clarebóias, numa variedade impressionante. Duns pisos para os outros (mirante e contra-mirante) as açoteias ligam-se por lances de degraus, que eu vejo subidos ou descidos por mulheres, que estendem roupa ao sol da manhã, ou a lavam, ou a metem na barrela.

Em quase todo o Sul há um exemplar de açoteias, por aqui e por ali. Em Setúbal conheço uma, bem típica, na casa da Avenida de Todí habitada pelo meu bom amigo Guilherme Gomes. Essa é um miradouro altaneiro donde se disfruta um panorama vasto, de Palmela à Tróia, dominando a cidade baixa. Em Palmela também há muitas, como se pode verificar das ameias do castelo. Ao acaso, recordo-me da residência da Sr.ª D. Acilina Machado.

Enchidos bem os olhos com essa exposição de sólidos geométricos, impantes de alvura, que são as casas de Olhão, abandonamos a torre e viemos flunar pelas ruas antigas e avenidas modernas à margem das quais se alinham.

João Lúcio, o filho poeta, não foi esquecido. Alteia-se em busto elegante, entre as flores da avenida. Na rua-passeio, chamada do Comércio, em pedrinha branca e preta, corrida ao centro por uma valeta de escoante, tapada a grade de ferro, admiram-se cafés, lojas comerciais com montras de fino gosto, e rostos mimosos de olhanenses, que acucam nas estrelas dos olhos, revêrberos das ocupantes ancestrais.

Estive na ribeira, com os seus armazéns e barracões, o seu mercado (velho, a pedir remodelação) e as suas fábricas. O mar é chão, totalmente pacificado pelas ilhas que se estendem ao rés da costa. Botes e traineiras descansam nos canais.

— O senhor não me sabe dizer o nome destas ilhas aqui em frente? — pergunto a um marítimo.

— Pois não! Olhe: naquela ponta, ainda se avista a ilha de Tavira. Segue-se Ancão, Armona, a Colatra — onde se ergue o farol — a constituir o cabo de Santa Maria e, lá ao fim, a Barreta.

Não havia tempo para mais, embora muito ficasse por ver. Faro namorava-nos a dois passos, com a sua beleza de capital de província, progressiva e meridional. Instalados de novo no automóvel, portas batidas, motor a arrancar, e o asfalto da estrada era engolido em hausto de quilómetros sucessivos, planos e corredios.

Faro tem um miradouro que a domina totalmente: a torre de Santo António do Alto, na pro-

videncial elevação que a limita pelo nascente. Dali se disfruta uma das mais belas expansões da paisagem algarvia.

O mar preenche os canais múltiplos entre as ilhas e ilhotas, espelhando-se o sol nas águas e nateiros que esmaltam o debrum do litoral. Num dos canais estaciona uma vedeta da Marinha. Para lá, os areais da praia, que se atinge por estrada, galgando uma ponte. Para cá, a parte ribeirinha da cidade, com o amoroso bairro piscatória, casas uniformes e enquadradas em xadrez, com cimalthas razas de açoteias, com vasos de flores e roupas coloridas a secar.

Dum palácio imediato, atufado no arvoredor dum parque murado, saem crianças acompanhadas por freiras, para assistir à missa na capelinha de Santo António. A norte, casalinhos brancos a perder de vista, até invadirem, mesmo, os primeiros lanços da serra, cortina protectora das notadas. A ocidente, a cidade, aninhada como um enorme bando de garças de que sobressaem, como pescoccos, as torres da Sé, do Carmo, doutras igrejas e capelas, cimalthas de edificios maiores, de árvores públicas, o liceu, aqui bem próximo. Nela nos lançamos, após uma visita ao pequeno museu de Santo António, que é um repositório de cuidadas recordações e referências de inspiração antoniana.

A visita à Sé, no vasto largo onde se ergue a estátua ao benfeitor e bispo D. Francisco Gomes, com filas de laranjeiras a dar-lhe guarda de honra; à igreja de N.ª S.ª do Carmo, com as suas preciosidades, a sua capela dos ossos, émula da de Evora; à Misericórdia, a outras mais, cada qual com seu interesse, finda no jardim da borda d'água (Praça D. Francisco Gomes) onde admirei um altíssimo obelisco a perpetuar a memória de Ferreira de Almeida, o monumento a João de Deus, o arco monumental da vila, reliquia das velhas muralhas, na congosta que leva à Câmara Municipal e à Sé; e as dependências do Clube Naval, na doca anexa à praça.

Na parte nova da progressiva capital algarvia, onde dezenas de prédios se elevam de dia para dia, merece menção especial o edificio do mercado, soberbo de concepção, amplo, monumental na sua torre de fendas rendilhadas.

Fica para trás muito que ver, mas o tempo urge e o fim-de-semana não é extensível. Ala, para o Barlavento!

A estrada corta lugarejos, pomares, quintas, reproduzindo sempre os mimos da paisagem verde-branca, na clorofila dos vegetais e na alvura das pétalas e da cal das vivendas.

Surge, numa volta, a montanha, esta mulher aborigene que vende produtos caseiros montada num burro pigarço. Paro o carro, de Kodak em riste.

E' um tipo repleto de interesse, este da vendadeira montada, que calcorria os caminhos do Algarve. Não posso fugir a entrevistá-la:

— Pare aí um bocadinho, que lhe quero tirar uma fotografia! — pedi-lhe.

Ela retesou a rédea do burro e respondeu, risonha:

— Mas que graça terá uma montanheira?! Pois sim senhor. Aqui me tem às suas ordens. E pra que é o retrato, o senhor não me dirá?... Inquiriu, com uma pontinha de desconfiança inata.

— E' para eu guardar, como recordação da minha primeira visita a estes sítios.

— Mas que jéto... Indas se fosse uma moça nova...

— Tlic! Muito obrigado!

Vim, revelei a película e aqui têm os leitores o retrato, talvez um pouco burrico.

Sobre um burrico cor de cinza, orelhas argutas, cabeçada de cabedal escuro, assenta uma albarda, cilhada e com retranca; sobre a albarda, um alforge, que levam batatas, dum lado, dentro duma canastra, e, do outro, hortaliças, um cabaz de ovos, e até uma galinha em estudado equilíbrio. No meio da carga senta-se a montanheira com chapéu de homem sobre o lenço de ramagens — marca algarvia do traje feminino — blusa de chita, fava, avental de folhos, saia rodada, meias caseiras de riscas e botas altas. Atrás dela, pende a balança, cujos pesos vêm misturados nas batatas, ao de cima.

Soga na mão, bamboleios de tronco para excitar a marcha do burro, a montanheira lá vai, vender os seus produtos aos «cartolas» da cidade.

Cabral Adão

Visado pela Comissão de Censura

As mais lindas Rosas de Portugal  
As mais famosas árvores de fruto



Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques  
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & F.ª L.ª

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

M·A·N DIESEL

FABRICANTES DO 1.º MOTOR DIESEL

TRACTORES

A MAIOR MARCA MUNDIAL

M·A·N DIESEL

TRACÇÃO ÀS 4 RODAS

MOTOR SISTEMA "M"

MULTI-COMBUSTÍVEL EXCLUSIVO "M. A. N."

Sem qualquer modificação e sem diminuição de rendimento, pode consumir: Gasóleo, Fuel Oil. Óleo queimado, Gasolina, Óleos vegetais, Petróleo, etc.

MOTOR BEBE TUDO

ESCLARECIMENTOS E DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

PARA TODOS OS TERRENOS

EM EXPOSIÇÃO:

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3  
TELEFONES: 59979 (7 linhas) — LISBOA

Filiais: PORTO — Rua Santo Ildefonso, 535  
ÉVORA — Rua Serpa Pinto, 43

MODELOS ESPECIAIS PARA TODOS OS FINS

AGRICOLAS — INDUSTRIAIS

POTENCIAS: 29 - 40 - 50 HP

PESOS BRUTOS REBOCÁVEIS: 17-20-30 TON.

Todos com levantamento Hidráulico. Equipamento completo, incluindo iluminação, tambores, dispositivo de reboque.